

## Próprio 28 – 23º Domingo de Pentecostes – Ano B

### 1ª leitura (Antigo Testamento) – Daniel 12.1-4ª (5-13)

#### 1º comentário:

O texto deste domingo tem sido objeto de muitos estudos e ensaios teológicos pois foi visto pelos cristãos como um anúncio da ressurreição de Jesus Cristo. No entanto, mesmo que teologicamente isso seja verdadeiro, não devemos esquecer que nosso Deus escolheu se revelar na história e através da história, isto é, da experiência do seu povo.

Para John J. COLLINS (*The Apocalyptic Vision of the Book of Daniel. Montana: Scholars Press, 1977; p. 136- 138*) o assunto deste texto, assim como o resto do livro, é uma resposta teológica ao momento político vivido pelo autor ou autores do texto nos tempos da luta armada dos Macabeus. Um dos primeiros problemas de 12,1-4 é significado da palavra "yamod" ("se levantará") referida ao anjo Miguel. A princípio parece um levantamento armado mas a idéia de "todo aquele que for inscrito no livro", sugere um processo judicial como em 8,10. A intervenção militar de anjos pode ter sido popularizada na época macabaica chegando até os tempos de Jesus (Mc 12,25 e paralelos). A possível menção à ressurreição com referências às estrelas "inevitavelmente sugere um relação com muito difundida crença helenística da imortalidade astral". É a idéia de que indivíduos extraordinários como Castor e Polux podiam ser imortalizados como estrelas (*diferente e sem nenhuma relação direta com Enoque – Gn 5,24; ou Elias 2 Rs 2,11*). Daniel se apropriou da idéia helenística e a adaptou ao conceitos israelitas. A idéia de um combate nos céus entre forças celestiais também é bem helenística. A "ressurreição" seria apenas admitir a imortalidade e o prêmio dos heróis Macabeus e fazer os inimigos acordar para o julgamento (tipicamente israelita).

Para Joyce G. BALDWIN (*Daniel, introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1987; p. 215- 219*) no versículo 2 se usa a imagem "os que dormem no pó da terra" (Gn 3,19 e Sl 22,29) para falar de morte como um sono passageiro do qual é possível acordar introduzindo assim a idéia da ressurreição. Por outro lado o uso da expressão "muitos do que dormem" parece indicar uma ressurreição limitada. No entanto o termo hebraico "rabim" pode querer dizer todos! (Dt 7,1; Is 2,2; 52,14; 53,11.12). Isso leva a acreditar que a proposta de Daniel é uma ressurreição geral antes do juízo (cf. Mt 25,46; Jo 5,28.29).

Considerando ambos posicionamentos teológicos é possível reconhecer que a idéia da ressurreição não caiu do céu mas nasceu do clamor humano contra a morte e suas forças aliadas (no caso de Daniel trata-se do rei grego Antíoco 4º impondo sua vontade com repressão e violência). Da mesma forma a ressurreição de Cristo é, mas do que uma afirmação teimosa de fé, um sinal de esperança para uma humanidade que conhece o que é tribulação e morte (Mc 13: 14-20). Se a ressurreição não se manifestar nos nossos atos históricos, concretos e práticos não passaremos de falsos profetas apontando para falsos cristos (Mc 13: 21-23). (HMG).

## **2º comentário:**

“Os que são esclarecidos, compreenderão” (Dn 12.10, BJ) ou ...“nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão” (Almeida). Essa frase equívale a outra, encontrada no Apocalipse: “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. São frases próprias de um tipo de literatura enigmática, que trabalha com símbolos, imagens, figuras, números, cálculos e canções que só são compreendidas por quem participa existencialmente da história dos que a escrevem. Assim é a literatura apocalíptica. Na maioria das versões bíblicas em português, o livro de Daniel está inserido logo após Ezequiel, levando muitos a pensar que se trata de um texto profético, enquanto a tradição judaica o insere na parte de “escritos gerais”, juntamente com os sapienciais e outros. Há também consideráveis diferenças entre o gênero literário profético e o gênero apocalíptico (consulte alguns livros técnicos de Antigo Testamento para percebê-las). De certo modo, a literatura apocalíptica tem raízes na literatura profética, mas dela se diferencia bastante pelo estilo como interpreta a história presente, protesta contra a mesma e aponta sinais de esperança, conclamando à resistência (vigilância). Encontramos textos apocalípticos inseridos em outros livros proféticos do AT (Ezequiel, Zacarias, p.ex) e também no NT (o sermão apocalíptico de Jesus – Mc 13 e paralelos, I Tessalonicenses). Ou seja, o livro conhecido como “Apocalipse” de João não é o único texto apocalíptico da Bíblia.

Daniel divide-se em duas partes. Do cap. 1 ao 6 temos narrações a respeito de Daniel e seus companheiros na corte de Nabucodonosor. Do cap. 7 ao 12 temos visões de Daniel; além disso, as narrações do cap. 1 ao 6 estão na terceira pessoa. Daniel é alguém sobre o qual se conta alguma coisa. Já nos capítulos 7 a 12 as visões são narradas na primeira pessoa do singular; para complicar ainda mais, o livro começa em hebraico e muda bruscamente para o aramaico a partir do cap.2, vers.4. Quando começa o capítulo 8, o texto volta ao hebraico até o final. Isso tudo nos indica que devemos ter muito cuidado e cautela ao interpretarmos Daniel. É preciso estar atento à forte carga de simbolismo do texto.

O capítulo 12 fala de um “tempo de angústia” (v.1) onde haverá um juízo. Esse tempo é qualquer tempo de angústia e opressão. Nessa situação, Deus julga os opressores e recompensa o povo que permanece fiel (multidão purificada em contraste com os ímpios – vs.10). Nesse juízo, Deus faz justiça à memória de todos os mártires e injustiçados e preserva os que lhe são fiéis (“naquele tempo, teu povo será salvo” – vers. 1). Trata-se, portanto, de uma mensagem de esperança e de exortação à perseverança, mesmo diante das mais violentas formas de opressão e angústia. (CEBC)

## **Epístola: Hebreus 10.31-39**

É um texto de encorajamento, face à situação propícia para um retrocesso. O autor já fez essa exortação, em 6.9-11. O encorajamento tem duas facetas. (1) Cuidado! (2) Continuem vocês no que já demonstraram. Na verdade, é isso que fazemos em nossas pregações e aconselhamentos, baseado no memorial das Escrituras focalizado no que Deus já fez e promete

em Cristo. Na realidade, é isso que fazemos diante de Deus, em nossas orações e cultos: "Damos-te graças... pelos feitos e promessas de Deus... Anunciamos a sua morte, ressurreição e aguardamos sua gloriosa vinda"... Diante disso, "suplicamos-te humildemente..."

"Lembrem-se de que vocês tiveram que suportar as perseguições... aceitaram o confisco dos bens e não estão ressentidos... Em meio a tudo isso, vocês demonstraram a solidariedade para com os sofredores.. Agora vocês precisam um pouco mais de perseverança. Quem há de vir vai chegar. O justo viverá pela fé... Não somos como aqueles que voltam para trás e se perdem...". Verso 37 – "porque falta apenas um pouco..." tem uma tradição: O verso é inspirado em Isaías 26.20 e em Habacuque 2.3-4. Isaías serve só para introduzir Habacuque.

A questão do sofrimento e retrocesso é sempre atual. No mundo das inconstâncias e passageira, o encorajamento baseado na pessoa e na obra de Jesus Cristo e da comunhão do Trino Deus apresentados nesta Carta é sempre atual, sempre renovador, porque o Autor e Consumador de nossa fé (12.2) é sempre atual, contemporâneo, mesmo (13.8) não no sentido estático, mas dinâmico levando-nos à cidade que há de vir, (13.14), à plenitude da paz,(13.20)

### **Santo Evangelho: Marcos 13.14-23**

Em toda a sua história a Igreja se viu algumas vezes em situações difíceis. Eram momentos em que parecia que a fé seria destruída por um de seus inimigos: o mundo, a carne ou o mal. Estes momentos da história podem se repetir com uma certa freqüência. Momentos assim, de fato, não são raros e apontam para épocas difíceis e de uma grande tomada de posição por parte da Igreja. De fato, acredito que a fé cristã neste Brasil no início do terceiro milênio está passando por um desses momentos de ruptura.

Este é um texto difícil de ser interpretado justamente porque está dentro de um estilo literário que se aproxima do apocalíptico e porque é um texto cheio de referências às lutas que a igreja enfrentava e enfrentaria. Acredito, contudo, que, em que pese tais dificuldades, a correta interpretação deste texto gira em torno do significado da expressão "abominação da desolação". Que expressão é esta? O que ela significa?

Esta expressão pode ser encontrada originalmente no livro de Daniel 11:31 e fazia referência à vinda do rei do norte para profanar o templo de Jerusalém em 165 a.C. Sabemos que esta expressão surgiu quando Antíoco Epifânio edificou um altar pagão e sacrificou um porco no Santo dos Santos. Muitos viram nestas palavras uma referência à destruição de templo de Jerusalém que ocorreria no ano 70 d.C. Do que foi dito podemos supor que a "abominação da desolação" é o movimento em que Deus é retirado de seu lugar e um outro deus o substitui.

Embora muitos comentaristas acreditem que este texto se refere ao futuro, ao que vai acontecer imediatamente depois do *raptó* da Igreja, eu compreendo que este texto pode ser aplicado a todos os momentos de crise da Igreja, inclusive o nosso. Estes momentos de crise foram também grandes oportunidades para se ver o grande amor de Deus por sua Igreja.

Segundo este texto, os grandes momentos de crise possuem algumas características bem marcantes:

Em primeiro lugar, os momentos de crise são momentos de subvalorização do *numinoso*. Explico. Um dos livros mais significativos do século XIX foi justamente a extraordinária obra de Rudolf Otto chamada *O Numinoso*. Neste livro Otto advogava que a nossa aproximação do sagrado produz dois sentimentos opostos mas igualmente importantes. No primeiro sentimento vemos Deus como o *fascinans*. Este sentimento nos atrai, nos faz desejar se aproximar do sagrado e ser tocado por ele. No segundo sentimento vemos no sagrado o *tremendum*. Neste segundo movimento Deus nos causa temor e tremor. Ele nos faz sentir a absoluta diferença qualitativa existente entre nós e ele. Nós repentinamente somos tomados pela mais absoluta convicção de nosso pecado e da certeza de que, jamais sobreviveríamos diante de um Deus santo.

Nossa sociedade assiste a um crescente movimento de "popularização" do sagrado. Esta popularização se dá por meio dos plásticos, das camisas, dos bonés, dos shows religiosos e de tantas outras formas de "evangelização" que nada mais fazem do que retirar um aspecto imprescindível da relação de um adorador para com seu Deus: a dimensão do sagrado. Deus está na moda. Deus é pop. Deus é dez. desafortunadamente parece que estamos cegos para as conseqüências de se transformar Deus em uma espécie de marca a ser promovida por meio de uma campanha de marketing.

Em segundo lugar, os momentos de crise são momentos de hipervalorização dos carismas pessoais. Quem são os "falsos Cristos" senão exatamente aqueles que buscam a hora que se deve dar a Cristo? Estes "falsos Cristos" são justamente aqueles que querem se assentar no trono de Deus e receber toda a veneração. Eles querem ser vistos como imprescindíveis para a manutenção da igreja. Sem eles nada podemos fazer. Eles possuem carisma e são capazes de galvanizar o pensamento das multidões em torno de si. A maior marca destes líderes religiosos é o personalismo. Isto é exatamente o que se vê em nosso país hoje. Igrejas sendo formadas em torno de personalidades fortes e que exigem um tipo de veneração. Eles não podem ser contrariados nem questionados. Eles são vistos como exemplo de santidade e de missão. Suas igrejas são apontadas como modelos missionários. Esta é a nossa realidade hoje!

Em terceiro lugar, os momentos de crise são momentos de hipervalorização dos sinais e prodígios. Não basta ser um líder carismático que desvia toda a atenção sobre si. É preciso também abrir espaço para a manifestação das ações miraculosas. As curas, os arrebatamentos, a transformação na vida de alguém, as visões e outras ações sobrenaturais, são apontados como "atestado" de que Deus está presente neste *ministério*. Ninguém se dá conta das armações que são feitas simplesmente porque todos *querem* ver o milagre acontecer. E quando nós *queremos* ver nosso senso crítico desaparece e nossa mente viaja para ver o que foi prometido.

Em um livro escrito na década passada, o pastor Caio Fábio já falava de uma *síndrome de Lúcifer*. Uma espécie de doença que costuma atingir os líderes religiosos de tempos em tempos. O que nos faz ficar mais calmos é que Deus, em sua graça, jamais permite que sua Igreja capitule completamente

diante destes movimentos. Por causa dos eleitos, diz o texto, estes dias foram abreviados (v. 20) Deus tenha misericórdia de sua Igreja no Brasil. (JLFA)